

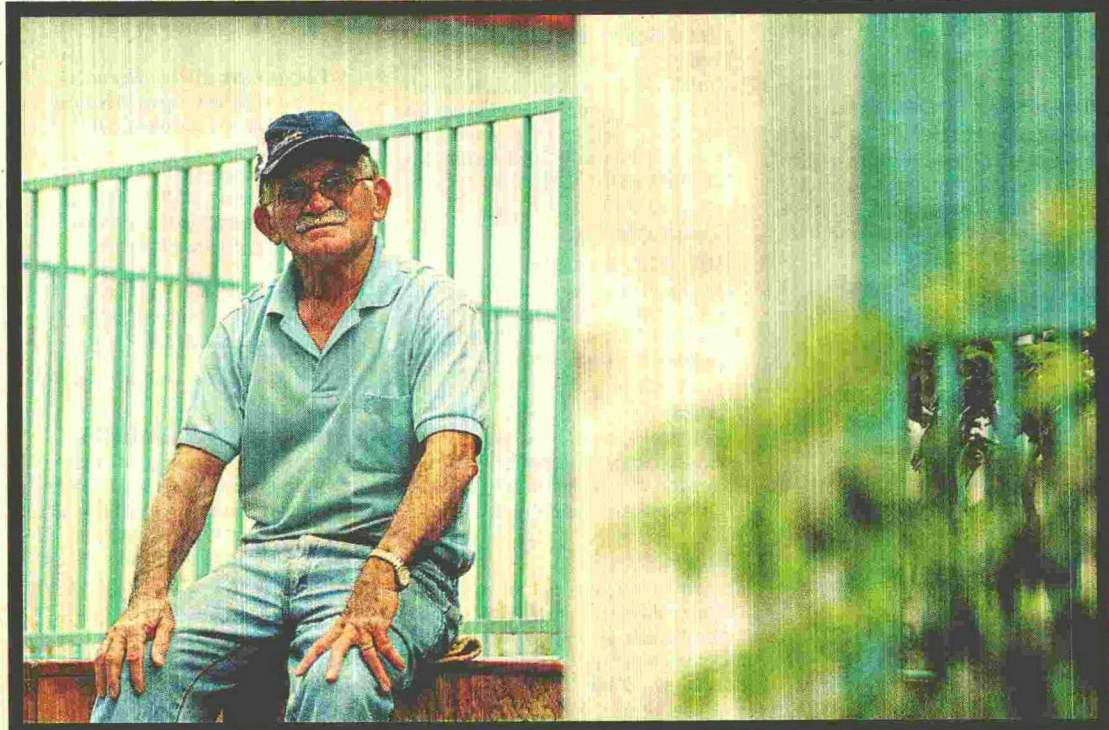
CIDADES

Cruzeiro,

46 ANOS

e muita história pra contar

Fotos: Kleber Lima/CB/28.11.05



JOAQUIM, PRIMEIRO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA: BRIGA PELO PREÇO DA PASSAGEM DE ÔNIBUS

RACHEL LIBRELON

DA EQUIPE DO CORREIO

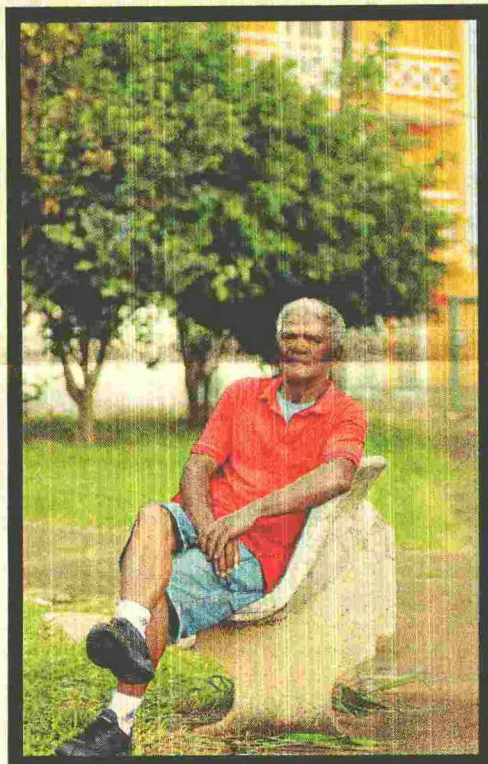
Ao completar os seus 46 anos de idade, o Cruzeiro tem muita história para contar. A região administrativa mais carioca e berço da primeira e mais famosa escola de samba do Distrito Federal — a Aruc (Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro), criada em 1961 — não é mais um reduto de funcionários públicos de baixo escalão. As casas simples com dois quartos e telhado de amianto deram espaço a sobrados com piscina. Não há mais lugar para a camada mais pobre da população. As moradias são ocupadas principalmente pela classe média, com renda domiciliar superior a 12 salários mínimos.

A vila planejada para abrigar até 10 mil pessoas hoje tem 40,9 mil moradores. Copeiras, motoristas, porteiros e faxineiras dos palácios e ministérios foram embora, e profissionais com ensino superior completo se mudaram para lá. O Setor de Residências Econômicas Sul (SRES), endereço oficial da região administrativa, surgiu de uma mudança no plano urbanístico de Lucio Costa, imposta pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), antes mesmo da construção de Brasília. Além das asas Sul e Norte, deveria existir no projeto da cidade um local destinado a moradias populares que seriam ocupadas pelos operários.

“Mas os candangos não chegaram a morar ali. As primeiras casas, construídas de forma geminada (uma grudada na outra), foram destinadas aos servidores menos abonados do governo”, explica a arquiteta Beatrice Eller, que vai apresentar, no dia 19 de dezembro, uma dissertação de mestrado sobre o Cruzeiro. Em sua pesquisa, Beatrice estudou todo o processo de concepção, evolução e divisão da região administrativa do Cruzeiro, que mais tarde deu espaço também ao Sudoeste.

A arquiteta explica que, em 1977, o Exército, a Marinha e a Aeronáutica começaram a construção de outro tipo de moradia no lugar. Destinadas a funcionários do Hospital das Forças Armadas (HFA), as 400 casas ficavam em lotes individuais de 200 metros quadrados cada uma, e eram maiores do que as geminadas. No entanto, dos 400 inscritos para receber o benefício, somente 250 reuniam condições suficientes para adquirir um imóvel no chamado “Cruzeiro Nobre”. “Os outros 150 foram imóveis vendidos por licitação a quaisquer compradores”, revela Beatrice.

Morador do Cruzeiro desde 1961, o aposentado Joaquim Gonzaga, 67 anos, acompanhou todas as mudanças do lugar. Nordeste, ele serviu ao



WALDIVINO: GÊNEROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE VENDIDOS NAS CASAS

HOMENAGEM AOS PIONEIROS

Em comemoração aos 46 anos do Cruzeiro, a Câmara Legislativa do Distrito Federal realiza hoje às 19h uma sessão solene no ginásio da Aruc, com homenagem aos pioneiros do lugar. O ato marca o final da programação de aniversário preparada pela administração regional, que durou todo o mês de novembro, com eventos culturais, esportivos e religiosos. A ocupação da vila começou em 1955, mas o dia 30 de novembro de 1959 foi fixado como data oficial de fundação do Cruzeiro.

Exército no Rio de Janeiro e, com as notícias da criação de uma nova capital, resolveu se aventurar pelo Planalto Central. Quando chegou à cidade, era basicamente mato. Não tinha escola, nem comércio e muito menos asfalto. O caminho até a Rodoviária do Plano Piloto passava por trilhas no meio da vegetação. Joaquim foi o primeiro presidente da associação de moradores local. “Uma das brigas era pelo preço da passagem de ônibus. Conseguimos que o bilhete do Cruzeiro para o Plano tivesse o mesmo preço do circular”, lembra.

Gavião

Joaquim conta que os gaviões tinham presença constante no lugar. “Por isso, durante algum tempo, aqui era chamado de Gavião”, lembra. Antes disso, o Cruzeiro tinha um apelido que pouco agradava as pessoas que viviam lá: *Cemitério*. O nome era uma referência às casinhas pintadas de branco coladas umas às outras, que davam uma aparência de cemitério ao lugar. Em 1999, quando Joaquim, que sempre morou no Cruzeiro, pôde se mudar para uma casa maior, decidiu que era melhor ficar por ali mesmo. Comprou um imóvel com piscina na Quadra 12.

Mineiro de Teófilo Otoni, Waldivino Nunes, 62 anos, motorista aposenta-

do, mora na mesma casa desde 1962, quando chegou ao Cruzeiro. A planta da casa geminada continua a mesma, e ele tem orgulho de contar isso. São dois quartos, banheiro, sala, cozinha e quarto de empregada. Só o piso, que um dia era de tacos, agora é de cerâmica. O imóvel fica na Quadra 5, uma das primeiras a serem construídas na antiga vila. “Como não tinha comércio, as pessoas usavam os fundos das casas para vender frutas, verduras, arroz, feijão e outras coisa de que às vezes se precisava em cima da hora”, lembra o pioneiro. O Cruzeiro Center, primeiro centro de compras construído na região, ficou pronto quase uma década depois da construção das casas.

Uma das fundadoras da Aruc, Ivone Araújo, 74 anos, pensou em voltar para o Rio de Janeiro quando se deparou com a precariedade do Cruzeiro, em 1959. “Só tinha mato, veado e papagaio”, resume. Foram a amizade e a animação da vizinhança que convenceram Ivone de que era melhor ficar. “No final da tarde, os vizinhos se reuniam para bater papo e fazer batucada. Em 1960 criamos a Aruc, e em 61 desfilamos na W3 Sul”, relata. Hoje, ela acredita que o Cruzeiro é o melhor lugar para se viver. “Tenho orgulho de morar aqui”, confessa. Mas ela tem algumas reclamações sobre o lugar. “Falta cuidar das praças para as crianças brincarem e zelar mais pela limpeza”, enumera.